

O patrimônio cultural e a hospitalidade no Recife dos anos 1930/1940

Francisco Manoel Rêbello¹
Senia Regina Bastos²

Resumo: O presente artigo apresenta como objetivo identificar os locais que permitem a interação e a sociabilidade na cidade, os chamados lugares de hospitalidade, e o patrimônio cultural imaterial presente nas imagens do fotógrafo amador Francisco Manuel Rebêlo sobre o Recife, Pernambuco, nas décadas de 1920 a 1940. A metodologia da análise das fotografias compreende a interpretação do significado do conteúdo registrado (assunto), no que contempla o local (espaço geográfico), o momento em que se deu o registro (tempo cronológico), bem como a biografia do fotógrafo, para o que se apoia na realização de entrevistas com os familiares do fotógrafo. Apresenta como resultado a constatação de que as imagens apresentam caráter documental, suas preocupações estéticas e jornalísticas são próprias ao período em que vive, ou seja, o fotógrafo é um representante da sua época, participa de circuitos sociais e culturais que marcaram suas imagens, quer o motivo registrado, quer sua estética. A lavagem de roupa no rio, a feira e o carnaval constituem os lugares privilegiados de encontro, de consolidação dos laços sociais e da convivência solidária.

Palavras-chave: Hospitalidade. Patrimônio Cultural. Fotografia

¹ Mestre em Hospitalidade. Docente – Universidade Anhembi Morumbi gastronomiace@anhembi.br

² Doutora em História. Docente – Universidade Anhembi Morumbi senia@anhembimorumbi.edu.br

Introdução

A imprensa dos anos 1930 representa o carnaval de Recife como manifestação da alegria, da ingenuidade e do patriotismo, cuja festividade transcorria ordeiramente pela cidade, dado que as estratégias policiais e o controle do Estado promoviam o apaziguamento de sua dimensão perigosa (SILVA, 2009).

Francisco Manuel Rebêlo acompanha esse contexto de valorização cultural do carnaval, convive com o processo de renovação urbana em curso na cidade e interage no Recife dos anos 1920 a 1940. Nesse sentido, o presente artigo apresenta como objetivo identificar os locais que permitem a interação e a sociabilidade na cidade, os chamados lugares de hospitalidade, e o patrimônio cultural imaterial presente nas imagens desse fotógrafo amador sobre o Recife, Pernambuco, nas décadas de 1920 a 1940³.

Norteiam a pesquisa, as hipóteses de que as preocupações estéticas e documentais são próprias ao período em que vive, ou seja, o fotógrafo é um representante da sua época, participa de circuitos sociais e culturais que marcam suas imagens.

Aponta-se que a análise da fotografia não se refere apenas ao seu aspecto técnico. A fotografia contempla a individualidade de seu autor, o seu estado de espírito no momento do registro, ao que se somam a sua ideologia, sensibilidade e criatividade (KOSSOY, 2003).

A metodologia da análise das fotografias de Rebêlo apoia-se em Kossoy (2002; 2003). Busca-se interpretar o significado do conteúdo registrado (assunto), o que contempla a análise do local (espaço geográfico) e do momento em que se deu o registro (tempo cronológico), bem como a abordagem da biografia do fotógrafo.

Ressalta-se que a presente abordagem não se reduz à abordagem iconográfica, que segundo Kossoy (2003) constitui a análise do registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõem o seu conteúdo, mas procura relacionar o contexto temporal aos estudos bibliográficos que formam uma base teórica, auxiliando na análise ora proposta.

³ O artigo é resultado da dissertação de mestrado desenvolvida no Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (REBELO, 2012).

Pequena biografia do fotógrafo

Jovem e solteiro, o percurso de Francisco Manoel Rêbello se assemelha ao de milhares de portugueses que imigraram para a antiga colônia portuguesa, em busca de oportunidades, mantendo fluxos constantes de ingresso no Brasil. Em 1912 a capital carioca concentrava o maior contingente de portugueses do país e constituía uma referência para a comunidade, atraindo o jovem imigrante, que tinha no comércio sua fonte de rendimentos.

Oportunamente transferiu-se para a capital pernambucana⁴, onde já viviam alguns membros da família materna, os Bruto da Costa, e nesse sentido, sua biografia também é emblemática. É nessa cidade que completa sua formação como contador e, nos anos 1920, casa-se com uma pernambucana de família tradicional.

Adotou a cidade cortada por rios e conhecida como a Veneza brasileira como sua, dedicando-se ao comércio de importação e venda por atacado de insumos provenientes da Europa, especialmente, da França, da Inglaterra e de Portugal.

Gostava de fotografar as pessoas e, posteriormente, presenteá-las com as fotos, desta maneira, o retrato dado funcionava como um exercício ou um convite ao estreitamento de vínculos amistosos. Assim, suas fotografias eram divulgadas, segundo os familiares: “de mão em mão e no boca a boca”.

Rebêlo integrava o circuito social da fotografia do período, e possuía um grupo de amigos que tinham as câmeras como preferência, tais como Arnaldo de Almeida Alves Brito, Henrique Schoenemberg (alemão dono da Casa Fidanza), Juventino Gomes (Juju) e Luís Guimarães, todos na sua grande maioria, feitos no mundo fotográfico, segundo a família. Todavia, desconhece-se o exato momento em que Rebêlo começou a fotografar, segundo os familiares, “sempre foi um *hobby* e em nenhum momento teve fins lucrativos”.

Fundamentado na análise documental procura-se desvendar os componentes de ordem imaterial da produção das imagens, evidenciados na metodologia proposta por Kossoy (2003;

⁴ Registrou-se no Consulado Português em Pernambuco em 01/05/1916.

2002) e adotada neste artigo. Nesse sentido comporta a biografia de Francisco Manoel Rebêlo e os círculos sociais e culturais em que se inscreve.

A comunicação não verbal presente na fotografia também se inscreve no processo de sua interpretação, busca-se evidenciar não só o conteúdo explícito da imagem, mas a formação cultural e intelectual, no caso, a visão de mundo do fotógrafo. Para compreendê-las, a presente análise também contempla a realização de entrevistas semi estruturadas, com os parentes do fotógrafo, bem como pessoas que pertenciam ao seu círculo de amigos. Tais entrevistas têm o objetivo de analisar os registros fotográficos e os documentos pessoais, bem como elucidar a sua biografia, para conhecer o contexto temporal e espacial em que Rebêlo se inscreve, sua visão de mundo e motivações.

Lugares de hospitalidade

Subjacente à ancestral lei da hospitalidade para com o visitante, o forasteiro, o caminhante ou o desvalido está à idéia de um lugar aberto ao outro, numa oferta de acolhimento, proteção, ajuda e conforto (BAPTISTA, 2002, p. 159).

O conceito de hospitalidade na presente abordagem encontra-se fundamentado no paradigma da dádiva e, nesse sentido, convém apontar a sua importância enquanto base da sociabilidade humana. Destacam-se os vínculos que se estabelecem nas relações sociais, fundamentadas por valores de civilidade, urbanidade e solidariedade (BAPTISTA, 2002; MONTANDON, 2011).

Entende-se como lugar de hospitalidade o espaço de encontro e de consolidação dos laços sociais. Esses lugares assumem tais características por meio das práticas de convívio, pautadas por atitudes de acolhimento e de cortesia com o próximo, de resgate e exercício da vida em comunidade, onde é possível a convivência solidária. Tais fatores, no entanto não violam o direito à privacidade e à intimidade, ou seja, trata-se da socialização com garantia da preservação da subjetividade, onde o outro preserva sua exterioridade e o seu segredo, mantendo-se a liberdade. “A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana (BAPTISTA, 2002, p. 162).”

A ação solidária, em muitos casos, promove a melhoria da qualidade de vida de moradores e visitantes e se manifesta em diferentes contextos.

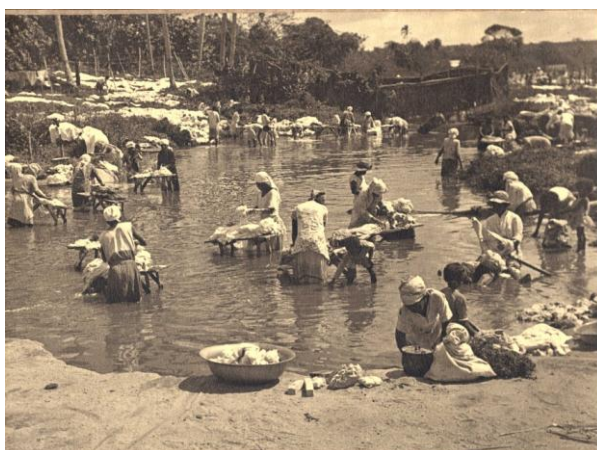
A hospitalidade pode dizer-se e manifestar-se por meio de muitas maneiras: pelas palavras, pelos gestos, pelas leis e pela pluralidade imensa de formas de gerir os tempos e os espaços que nos coube viver (BAPTISTA, 2002, p. 161).

A rua constitui um ambiente propício para a sociabilidade, visto que as relações sociais são estimuladas, formam-se e ampliam-se os relacionamentos interpessoais. A rua comporta uma noção polissêmica e abriga múltiplas funções, é comumente associada à paisagem urbana, às práticas sociais e ao imaginário (político, religioso e festivo). Lugar de circulação, reconhecimento social e de integração é também associada aos excluídos, à desordem, aos subversivos, à confusão, abrigo dos sem reputação e dos sem teto. A rua também reúne importante patrimônio cultural de Recife.

Na presente abordagem a rua constitui espaço privilegiado de hospitalidade, onde o fotógrafo registrou os moradores em meio às atividades comerciais, o retorno para a casa, divertindo-se no carnaval, entre outros. Também foram selecionadas imagens realizadas em lugares públicos que reúnem um conjunto de pessoas dedicadas às suas ocupações, como por exemplo, a lavagem de roupa no rio.

Lugares de trabalho e de sociabilidade

Os lugares de trabalho selecionados para esse artigo são indicativos da realização de atividades que permitem a integração das pessoas, os encontros. A lavagem de roupas na margem do rio ou o comércio de rua, ao mesmo tempo em que garante a sobrevivência, oportuniza a sociabilidade. Ocorre a apropriação do espaço e a convivência com outros trabalhadores ou mesmo com os clientes, fundadas na reciprocidade e na solidariedade. Bueno (2003, p. 114) destaca: “Os atritos e as desavenças que surgem não questionam esses vínculos e, muito menos, os compromissos codificados e institucionalizados dessas ligações”.



Fotografia 1– As lavadeiras

Fonte: Rebêlo (1930)

A fotografia 1 mostra as lavadeiras da época em um braço de rio lavando roupa. Segundo Palmira Rebêlo constituía hábito da época o uso de sabão português, como era chamado um sabão em barra amarelo, cortado em pedaço: “ele lavava e deixava um cheiro de limpeza característico”.

Também nesta época se quaravam as roupas o que se evidencia na imagem, visto que a vegetação, no canto superior esquerdo, encontra-se parcialmente encoberta por roupas estendidas, deixadas ao sol para alvejar, “só então as mesmas eram enxaguadas e penduradas no varal ao sol”.

Embora atentas à lavagem da roupa, as mulheres trabalham a uma curta distância uma das outras, o que facilita a troca de informações, o estreitamento de vínculos e a sociabilidade. Cada uma delas porta um apoio de madeira, destinado a sustentar a roupa molhada e facilitar a lavagem, evitando sua dispersão pelo rio. Crianças acompanham atentamente a atividade, quer observando da margem, quer coletando água no meio do rio, essa participação ainda que apenas contemplativa, possibilita a transmissão desse conhecimento e permite que a família se mantenha reunida durante a realização desse ofício.



Fotografia 2 – Vendedora de comida na feira

Fonte: Rebêlo (1940)

Na fotografia 2, realizada em uma feira de rua, no primeiro plano da imagem destacam-se duas mulheres cozinhando a céu aberto, atividade que até hoje pode ser observada, tanto na feira como nos seus arredores. Nota-se a preocupação das mesmas em prender o cabelo com panos, seria uma preocupação com a higiene ou para proteger a cabeça do sol quente? As várias etapas da produção encontram-se registradas, uma panela fumegante, outras nem tanto, uma apresenta-se quebrada na ponta, todas com aparência de terem sido feitas de barro. Segundo o relato de Frederico Rebêlo, nessa época era comum cozinhar em panelas de barro.

A grande movimentação em volta indica que essa comida servia não só para alimentar os que trabalhavam na feira, mas também os que nela faziam compras, passeavam ou simplesmente comiam porque estavam nas redondezas. Hábito presente até hoje, pois muitos se encaminham à feira para consumir as comidas feitas por lá, como sarapatel⁵, buchada⁶, arrumadinho⁷ ou quem sabe um bom chambaril apimentado⁸.

As pessoas se reuniam na feira, este espaço de sociabilidade, grande acontecimento semanal de alguns bairros. Concentrava os conhecidos, possibilitando-lhes o encontro e a

⁵ Guisado de miúdos, cujo molho é feito com sangue.

⁶ Ensopado cujos miúdos são cozidos no interior do “bucha” do animal.

⁷ Mistura de feijão de corda cozido, farofa e carne de charque cozida e refogada na manteiga de garrafa, servido acompanhado de vinagrete

⁸ Comida realizada com o Mocotó, semelhante ao osso buco.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

atualização das novidades, nela, os produtores rurais exibiam e comercializavam os seus produtos, por sua vez, os moradores urbanos tinham a oportunidade de comprar os mantimentos para a semana. Compra que é evidenciada na fotografia 3, finalista do concurso de fotografia da Revista Cruzeiro.

Volta da feira revela a presença de três pessoas, uma integrante usa saia e os outros dois vestem calça e camisa, ao que se presume serem dois homens e uma mulher. Na rua de terra batida sem calçamento, nota-se a vegetação à esquerda e ao fundo, uma casa.



Fotografia 3 – Volta da feira

Fonte: Rebêlo (1929)

A feira representa mais que um espaço para o comércio de alimentos, bebidas e afins, representa um espaço de sociabilidade onde era hábito, segundo Ligia Mariz Rebêlo, filha do fotógrafo, uma vez por semana, o encontro para conversar, contar histórias, relatar os acontecimentos da semana, confraternizar, comer algo preparado lá mesmo, a céu aberto: “A feira era uma festa para os que dela participavam, todos aguardavam por este dia considerado por muitos o acontecimento da semana”.



Fotografia 4 - Feira livre

Fonte: Rebêlo (1930)

O movimento da feira é enfatizado na fotografia 4, a partir de outro ângulo, um recorte predominantemente masculino. Homens vestidos de calça, camisa e chapéu conversam e realizam negócios, neste espaço de trabalho e de socialização.

Esta cena apresenta a venda de animais vivos, destacam-se os perus, galinhas e frangos. Um fardo de corda muito utilizada na época como ferramenta de trabalho, tanto doméstico como profissional, encontra-se presente.

O comércio de animais vivos era bastante comum e encontram-se associados aos pratos típicos como galinha de cabidela, também conhecido com galinha ao molho pardo, cujo sangue é usado como espessante de um guisado, já o peru é servido com favas refogadas.

Lugar de festa e de hospitalidade

Segundo Bueno (2003, p. 114) a “festa parece possuir as condições ideais para produzir hospitalidade”. Ato coletivo, a organização da festa conta com a colaboração do grupo, no caso analisado, não constitui um espetáculo para ser fruído, não prescinde da participação e tampouco é restrita ao grupo organizador. O próprio local onde se realiza o carnaval viabiliza a abertura para

o outro, pois se trata da rua, um espaço público, onde os corpos se tocam ou se distanciam⁹, estabelecem conexões.

[...] justamente por serem ocasiões coletivas, as festas envolvem diretamente a ideia de convivência e a de comunicação, a visão do compartilhamento ou do confronto de valores e padrões (CUNHA, 2002, p. 18).

A objetiva de Rebêlo realizou ângulos destinados a captar os integrantes dos blocos e registrou, também, os equipamentos públicos. As duas imagens selecionadas, de um conjunto de 86 fotografias, destinam-se a exemplificar a visão do fotógrafo, infere-se que esse registro era guiado tanto pela admiração, quanto por motivação jornalística e documental. Trata-se do patrimônio cultural imaterial, “expressões e tradições vivas que comunidades, grupos e indivíduos herdaram de seus antepassados e que transmitem a seus descendentes” (UNESCO, 2003).

Nas imagens legadas nota-se que a transmissão desse saber se dá pela observação, repetição e participação: crianças interagem com os blocos compostos por adultos e observam ou imitam os passistas, bem como a presença de blocos formados exclusivamente por crianças, ao que se infere o estímulo da própria família por seu engajamento na festa.

A festa constitui um ambiente propício para a sociabilidade, visto que as relações sociais são estimuladas, formam-se e ampliam-se os relacionamentos interpessoais. O Carnaval às margens do rio Capibaribe, na fotografia 5, constitui uma típica celebração recifense, onde se vê a integração de pessoas, independente das classes sociais pertencentes, nesta grande manifestação cultural.

⁹ Segundo Hogarth (apud BUENO, 2003, p. 117) corpos que se tocam são indícios “de conexão social, harmonia [...] a falta de contato físico expressa a desordem do espaço urbano”.



Fotografia 5 – Carnaval 1

Fonte: Rebêlo (1930)

O bloco em questão tem o nome de Quitadeiras, constituído em 1924, como pode se ler no estandarte. As quitadeiras vendiam alimentos doces e bolinhos no meio da rua, num tabuleiro. Encontram-se representadas no estandarte com seu tabuleiro, banquinho e sua vestimenta rica em babados, bicos e rendas de influência portuguesa.

Cunha (2002, p. 401) aponta a presença dos estandartes no Rio de Janeiro, muitas vezes, confeccionados e doados por benfeitores. Destaca os encontros de blocos, ao que se seguia o confronto, resultando em brigas e conseqüente destruição do estandarte, ou a harmonia, quando “emprendiam a cerimônia do ‘beijo’ dos estandartes”.

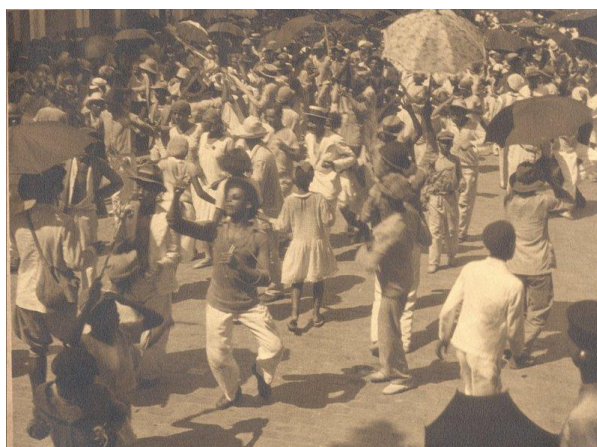
Passistas e integrantes mascarados foram fotografados em movimento, recurso que Rebêlo persegue em outras fotografias. Segundo Silva (2009) nos clubes de pedestres os foliões praticavam uma relação muscular, instintiva, “animalesca”. Por sua vez, as mascaras promovem sensação de liberdade, pois ninguém reconhece o passista, e ele se sente livre para pular o carnaval, embalado pela orquestra de frevo com seus trombones de varas. Os observadores também são bem vindos e engrossam o grande público atrás dos blocos de rua, nota-se que dois deles estão apoiados no muro da ponte.

A rua em questão é a Aurora, às margens do rio Capibaribe com suas largas calçadas e por onde o bonde passava. Ao fundo se vê a ponte princesa Isabel que liga a Rua da Aurora à Rua do Sol, onde se encontra o famoso teatro Santa Isabel, na arborizada Praça da República.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Organizada e gerida pelos componentes dos blocos carnavalescos, a festa promove vínculos de pertencimento ao grupo, cuja participação é pautada por valores de solidariedade e de doação.

Em todas as etapas de sua realização, a começar pela concepção e passando pelos preparativos, as festas populares mobilizam memórias, vontades, afetos, devoções e desejos. E desse modo, precisamente, elas atraem e convidam visitantes, chamando para a mesa de uma alegria comum (CUNHA, N., 2002, p. 15).



Fotografia 6 - Carnaval 2

Fonte: Rebêlo (1930)

Na fotografia 6 destaca-se o expressivo movimento dos passistas, de diferentes condições sociais, que portam guarda-chuvas e sombrinhas. Realizada ao ar livre, em uma rua pavimentada com paralelepípedos, registram-se pessoas fantasiadas, mascarados e outros com trajes cotidianos que requebram ao ritmo do frevo, que pode ser deduzido, em virtude dos movimentos dos passistas e do posicionamento ritmado das sombrinhas.

As imagens revelam a multiplicidade de significados que os foliões compartilham no carnaval do Recife. Os brincantes recriam e redefinem o espaço público, invadem e resenham as ruas seguindo os seus estandartes, todavia, o fotógrafo não legou registros dos momentos de tensões e de disputas. O carnaval representado revela o prazer do folião de diferentes condições

sociais, a transmissão do saber para as futuras gerações de brincantes, a presença de mulheres, o engajamento da elite na festa de rua, e a admiração pelo passista habilidoso, que freva.

Conclusão

A noção de patrimônio está ligada à memória. Sua origem está em monumentos, pessoas, festas e até comidas dedicadas à lembrança de alguma coisa, primitivamente, “acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2001, p. 18) e tem na sua natureza a propriedade de estabelecer o marco físico de uma memória, permanecendo no tempo e transmitindo às gerações seguintes seu testemunho e sua simbologia.

O chamado patrimônio cultural imaterial representa um novo olhar sobre o patrimônio e, assim como o patrimônio cultural material, vem sofrendo perdas ao longo do tempo, porém, de uma forma mais acelerada devido ao interesse tardio sobre o tema.

Rebêlo legou importantes imagens do patrimônio cultural imaterial de Recife ao registrar os moradores realizando atividades em grupo: a lavagem de roupa no rio, a elaboração da comida na rua, bem como ao fotografar o carnaval.

De caráter polissêmico, a fotografia possibilita permanente interpretação. Cravatta (2002) destaca a potencialidade dessa fonte de pesquisa, que permite a reflexão sobre os valores que interferem na produção de uma imagem. De acordo com a metodologia adotada (KOSSOY, 2002; 2003), destaca-se a importância da participação da família de Rebêlo, para a compreensão da memória que o fotógrafo legou do Recife dos anos 1920/40, tanto para compreensão dos componentes de ordem imaterial e os assuntos contemplados nas imagens.

Nos anos 1930 a imprensa valoriza o carnaval do Recife como uma festa popular pacífica que reúne diferentes classes sociais, homens e mulheres, adultos e crianças: “os blocos e os clubes são a ‘alma’ do carnaval do Recife e de Pernambuco e enchem as ruas de ‘festa’ transformando o espaço urbano em território do prazer” (SILVA, 2009, p. 126).

Rebêlo registrou essa manifestação cultural de caráter popular, o ângulo do registro contempla o contexto em que se inscrevem os passistas: alcança a arquitetura que ladeia as ruas

por onde evoluem, sem que a presença e ação do fotógrafo os atrapalhe. Nessas tomadas, as imagens revelam elementos de sociabilidade e de convivialidade que a festa propicia.

Excelente laboratorista, as fotografias selecionadas evidenciam o caráter documental das imagens. Preocupou-se com a fidelidade do motivo e com o equilíbrio da composição, acentuou o que pretendia mostrar. Apreendeu a beleza da paisagem natural, o trabalho do povo, procurou o incomum e recortou essas imagens no seu quarto escuro, realçou os detalhes flagrados. Sintetizou em seus registros pequenas experiências de vida, como a das vendedoras de alimentos, as lavadeiras, o retorno da feira, a alegria do carnaval. A tais registros confere-se caráter etnográfico no processo de coleta de imagens. Rebêlo encontra-se incluído em um sentimento de universalidade do fazer fotográfico.

Referencias Bibliográficas

BAPTISTA, Isabel. (2002). Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole.

BUENO, Marielys Siqueira. (2003). Festa dos Santos Reis: uma forma de hospitalidade. In: Ada de Freitas Maneti Dencker; Marielys Siqueira Bueno. (Org.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

CORREIA, Bruno Celso Vilela. (2009). **Mais que uma oferenda**. Representações e resistências afro na cozinha brasileira. Recife 1926-1945. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Rural de Pernambuco.

CHOAY, Françoise. (2001). **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp.

CRAVATTA, Maria. (2002). **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica**. (Rio de Janeiro 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. (2002). **Carnavais e outras frestas**. Ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp.

CUNHA, Nininha Carneiro da. (2002). **Comida e tradição: receitas de famílias (1923-1998)**. Recife: Ed. da Família.

FONSECA, Maria Cecília Lourdes. (1997). **O patrimônio em processo**. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN.

KOSSOY, Boris. (2003). **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

KOSSOY, Boris. (2002). **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial.

MONTANDON, Alain (dir.). (2011). **O livro da hospitalidade**. Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac.

REBÊLO, Francisco Manoel. (2012). Hospitalidade e patrimônio cultural: o olhar de Francisco Rebêlo sobre Recife (1920 a 1940). São Paulo, Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). Universidade Anhembi Morumbi.

SILVA, Lucas Victor. (2009). **O carnaval na cadência dos sentidos**. Uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940. Recife, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco.

UNESCO. (2003). **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**.